

DIRETOR: ANA CRISTINA GIL
 EDITOR: ADOLFO FIALHO
 EQUIPA EDITORIAL: ANA DIOGO,
 CATARINA RODRIGUES,
 LEONOR SAMPAIO DA SILVA,
 MAGDA CARVALHO,
 MARIA DA LUZ CORREIA

JANEIRO DE 2023 • Nº 57

AGORA

Página Facebook: <https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178> | Email: agora.fcsh@gmail.com

JORNAL
 DA FACULDADE
 DE CIÊNCIAS SOCIAIS
 E HUMANAS
 DA UNIVERSIDADE
 DOS AÇORES

Nota de abertura

Novo ano, janeiro fora...

O mês de janeiro passou a voar e o *Agora* convida-nos a uma renovada viagem pelas iniciativas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), no arranque do novo ano que agora começa. Neste número, a rubrica *Agora* dá notícia da cerimónia comemorativa do 47.º aniversário da Universidade dos Açores (UAc), no qual foi distinguido o mérito escolar e académico de alguns estudantes e docentes da FCSH, e a rubrica *Agora* partilha um estudo que analisa o protagonismo da nossa região no sistema internacional.

A *conversa escrita* deste mês faz-se no rescaldo da primeira visita à Universidade dos Açores da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, que em fevereiro de 2023 assinalará 25 anos de existência. E enquanto, em *Agora é moda*, aguardamos os trágicos desenvolvimentos dos *reality shows* do momento, damos um *shot* no stress com um *ace*, na companhia da investigadora Rita Carmo, e partilhamos as históricas memórias de Luís Filipe Vieira, diretor do Museu das Flores e antigo aluno da UAc.

ADOLFO FIALHO
 DOCENTE DA FCSH

Ágora

Os Açores no sistema das relações internacionais: entre autonomia e integração europeia

Este estudo que foi recentemente publicado no âmbito do projeto “Eurilhas - A Dimensão Insular da Europa e as ilhas na União Europeia: heteronomia, autonomia e subsoberania”, financiado pelo Governo dos Açores (M1.1.C/C.S./001/2019/01), analisa o protagonismo da nossa região no sistema internacional. Se por um lado, os Açores têm uma longa relação com as Américas, ainda antes de serem constituídos alguns dos seus Estados, como os EUA e o Canadá, por outro lado, com um ímpeto semelhante, estabeleceram relação com a Europa, a África e outras ilhas do mesmo oceano, destacando-se mais recentemente o seu percurso de integração europeia. A partir da revisão bibliográfica dos contributos pertinentes à temática e de uma análise qualitativa e hermenêutica, explorámos o movimento paralelo de autonomia e integração que a Região Autónoma dos Açores tem feito desde 1976. Destacamos a conquista do estatuto de autonomia político-administrativa



Paulo Fontes realça a conquista do estatuto de autonomia político-administrativa dos Açores.

que permitiu desenvolver as suas potencialidades. Projetando o futuro, a par do intenso intercâmbio de pessoas, comuni-

cações e bens que enformam as relações transatlânticas, equacionamos o papel estratégico que os Açores desempenham e podem desempenhar, tanto como plataforma científica, como nas novas configurações de segurança do Atlântico. Concluímos que a fértil articulação

da autonomia com a integração, no atual quadro jurídico-político europeu, possibilita, para além do desenvolvimento interno, uma nova centralidade da Região na política internacional.

PAULO VITORINO FONTES
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora deu-me para isso

Rita Carmo, investigadora da UAc, dá um *shot* na rotina

página 2

Alumni

As históricas memórias de Luís Filipe Vieira

página 2

Conversa Escrita

Direção da SOPCOM em visita à Universidade dos Açores

página 3

Agora

47 anos de muita vida

O dia 9 de janeiro é sempre especialmente importante para a Universidade dos Açores (UAc). É neste dia que se celebra a sua fundação e que se olha o futuro. Este ano a festa fez-se no passado dia 11 de janeiro, com muita afluência e com tudo aquilo a que esta douta Academia tem direito: cortejo académico, discursos de honrosos convidados e dos ilustres da casa: a nossa Magnífica Reitora,



o Presidente do Conselho Geral e a Presidente da Direção da Associação Académica. Marcante foi também a homenagem a membros da UAc já reformados e reconhecidos pelo muito que deram à instituição. Motivo de orgulho para todos foi ainda o momento da entrega de medalhas de mérito escolar aos alunos que se destacaram nas suas áreas de estudo, bem como a entrega do Prémio Ana Neto, que

distingue o melhor aluno da licenciatura em Biologia. A música marcou também a sua presença habitual, desta feita através do Trio Jazz MPM. Um dia de aniversário como todos devem ser: de regozijo pelo caminho feito e de reencontro de energias para os desafios que se adivinham.

ANA CRISTINA GIL
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora deu-me para isso

Golfe: entre o desafio e a tranquilidade

Desde sempre que pratico exercício físico. Gosto de me sentir ativa e de me desafiar a experimentar e atingir novos objetivos.

Em 2017, e por incentivo de uma tia, a minha filha, com quatro anos na altura, começou a praticar golfe na *Verdegolf Country Club*, no campo da Batalha. Pouco tempo depois, a nossa tia convenceu o meu marido a ter aulas de golfe, no mesmo horário da filha, para que deixasse de ser um “pai galinha”. Nessa altura e durante os anos seguintes, o contacto que tive com o golfe foi de mera observadora, até que, em 2021, e com o ingresso do meu filho mais novo na modalidade, lançaram-me igualmente o desafio. Aceitei e, agora deu-me para o golfe!

Desde então, as manhãs de sábado são passadas em família no campo de golfe da Batalha. Agarro no saco e no *trolley* e, simplesmente, liberto qualquer stress ao estar em contacto com a natureza, a caminhar e a admirar as paisagens vulcânicas envolventes.

As aulas são sempre desafiantes, pois praticar golfe consegue ser difícil pelo simples que é. A verdade é que temos os nossos vícios corporais e a ideia errada de que é necessária força para a bola atingir grandes distâncias. Basta rotação do corpo, ligar o *swing* e, claro, precisão para, no menor número de pancadas possível, colocar a bola no *green*. E claro, depois há as regras que, aos poucos, vou absorvendo. A primeira parte do meu treino pas-



Rita Carmo é Investigadora do Centro de Informação e Vigilância Sismovulcânica dos Açores (CIVISA) e do Instituto de Investigação em Vulcanologia e Avaliação de Riscos (IVAR) da UAC.

sa por relembrar a base do movimento e quando ouvimos o professor a elogiar um *shot*, é *top*. É um desafio constante! Comprometi-me com o golfe. Federei-me há relativamente pouco tempo na Federação Portuguesa de Golfe e atualmente estou a treinar para tirar o *handicap*, que me permite controlar a minha

evolução, e também participar em mais alguns torneios. Embora o movimento não esteja perfeito, já me aventurei em participar em algumas provas promovidas pelo clube, formando equipa com o meu marido ou com a minha filha. E adorei.

Houvesse mais tempo e praticava mais golfe. Preciso dessa

fuga semanal. De qualquer das formas, e não tendo disponibilidade para mais, contento-me com as minhas manhãs de sábado. E, por falar nisso, já estou em contagem decrescente para a próxima aula.

RITA CARMO
(INVESTIGADORA DA UAC / CIVISA / IVAR)

Novo Doutoramento em Ciência Política

Na senda do desenvolvimento da oferta de estudos pós-graduados, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) disponibiliza um novo ciclo de estudos de 3.º ciclo: o Doutoramento em Teoria Política, Relações Internacionais e Direitos Humanos. Resultado de uma parceria com a Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada, este curso possibilita saídas profissionais para as áreas da docência e da investigação científica, bem como para consultoria especializada, funcionalismo superior do Estado, diplomacia ou funções em ONG.

O plano de estudos do curso, cuja duração é de quatro anos, está acessível na página da Universidade dos Açores (em <https://fesh.uac.pt/cursos/doutoramento-em-teoria-politica-relacoes-internacionais-e-direitos-humanos/>).

As candidaturas da 1.ª fase terminam hoje e o edital está disponível aqui: <https://www.uac.pt/sites/default/files/edtal5-2023.pdf>.

Para mais informações, contactar através do email queroestudar@uac.pt.

ANA CRISTINA GIL
(DOCENTE DA FCSH)



Este curso possibilita saídas profissionais diferenciadas.

Alumni

Já lá vão quase 40 anos... 1983-84, curso de História

Chegado à Universidade, por querer ser metódico, coisa que nunca tinha sido, caí no meio de uma aula de Biologia por copiar o horário com demasiada antecedência. Nunca fora tão previdente! A minha inabalável vontade de organização levou o primeiro revés.

A comida da cantina era quase sempre intragável, valia a condescendência da Isabel (senhora pouco mais velha do que nós) que permitia levar mais uma sopa como forma de entreter o estômago. Diziam alguns que na tropa era pior. Não consigo imaginar o refeitório castrense. Valiam-nos as inúmeras tascas de Ponta Delgada onde comíamos por pouco mais do que na cantina. Grandes momentos de convívio aí se viveram.

A alternativa era o bar em que pontificavam o senhor Amaral, a senhora D. Fátima e essa figura icónica, o Adriano, que chamava

português a quem não tivesse sotaque micaelense. O bar era o espaço melhor rentabilizado de toda a UAC. Depois das refeições tornava-se exíguo e os cadeirões desenhados para um só utente suportavam no mínimo três, quatro ou até mais...

Dos Mestres, só vou recordar os que partiram. O Dr Nestor de Sousa, incontornável nas qualidades científica e pedagógica dispensadas à docência; tínhamos que ter cuidado para fugir à recomendação de “ir para casa cerzir meias”. O Prof. Armando Marques, única pessoa que elogiou a minha caligrafia que sempre foi terrível. Dava-lhe jeito para fugir ao pó de giz porque era padre e andava sempre vestido de negro. O Doutor Alberto Vieira, tímido, estudioso incansável das dinâmicas do Atlântico; a Prof. Drª Fátima Sequeira Dias e a sua permanente jovialidade, parece-me ainda



Luís Filipe Vieira é licenciado em História pela UAC

ouvir a gargalhada estrondosa; o saudoso Prof. Dr Carlos Cordeiro de incomensurável dimensão humana.

A biblioteca tinha dois pilares: A senhora Drª Graça Correia, competente directora, pessoa adorável, e a Menina Adriana (praticamente da idade de nossas avós) que tinha que recorrer a alguma rispidez para controlar a situação. Às vezes, no bar havia mais silêncio!

E os amigos? Outra crónica não chegaria. Havemos de nos encontrar.

LUÍS FILIPE VIEIRA
(ANTIGO ALUNO DA UAC)

AGORA... Madalena Oliveira, presidente da direção da SOPCOM

“As ciências da comunicação não devem ter centros e periferias”

A SOPCOM- Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação visitou pela primeira vez a Universidade dos Açores com o objetivo de conhecer melhor a comunidade de professores, investigadores e estudantes desta área científica. Madalena Oliveira, professora na Universidade do Minho e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, é desde abril deste ano presidente da SOPCOM. Dinamizar a participação nos processos de definição de política científica e estimular a publicação são algumas das linhas orientadoras da associação que em fevereiro de 2023 assinalará 25 anos de existência e já ultrapassou os 600 associados.

A UAc recebeu a direção da SOPCOM no âmbito de um conjunto de visitas que a associação está a fazer a todas as universidades do País com cursos de Comunicação. Pode explicar quais os principais objetivos desta iniciativa? É uma iniciativa que, divulgando a própria associação, visa conhecer melhor a comunidade de professores, investigadores e estudantes dedicados às ciências da comunicação. Ao identificarmos as especificidades de cada instituição, queremos também ajustar a atuação da associação às diferentes realidades. A visita coincidiu com a realização do I Congresso de Ciências da Comunicação realizado na UAc. Este encontro prestou homenagem ao investigador, docente e jornalista Mário Mesquita, que foi também um dos membros fundadores da SOPCOM em 1998. Qual o balanço que faz da participação da associação no evento? Faço um balanço muito positivo. Foi a primeira vez que a SOPCOM visitou a



NUNO GONÇALVES (UMINHO)

Madalena Oliveira, presidente da direção da SOPCOM.

Universidade dos Açores, não obstante o ensino da comunicação nesta instituição ter começado já há 20 anos. Para além da oportunidade de contactar com um grupo de docentes que combina vários saberes ligados à literatura e à cultura, por exemplo, este encontro proporcionou um interessante momento de reflexão sobre a relação da comunicação com outras áreas do conhecimento.

A direção a que preside foi eleita em abril deste ano. Como têm sido os primeiros meses de mandato e quais as principais atividades que têm previstas? O que temos feito nestes primeiros meses tem passado em parte pela projeção de iniciativas a desenvolver nos próximos anos. Há pelo menos três grandes ações a curto prazo: a definição de um programa de comemorações do 25º aniversário da associação (que se assinalará em fevereiro de 2023), a criação de um novo site e a revisão dos estatutos. Em termos mais globais, as linhas orientadoras incluem ainda a dinamização dos grupos de trabalho, o estímulo à publicação (através de diversas iniciativas editoriais), a participação nos processos de definição de política científica, a promoção de encontros que fomentem o debate e a coesão... Queremos, acima de

tudo, contribuir para a mobilização de todos os membros, na certeza de que a ideia de comunidade exige participação.

A área das Ciências da Comunicação é relativamente recente em Portugal. Reconhecendo a importância da interdisciplinaridade, qual o caminho a seguir para a consolidação deste campo científico?

As ciências da comunicação cruzam vários saberes, têm uma natureza multidisciplinar. A comunicação é, por outro lado, uma atividade que atravessa praticamente todas as dimensões da vida humana e social. É, por isso, natural que o nosso objeto de estudo reúna a participação de outras áreas do conhecimento. No entanto, a consolidação do campo científico dependerá da demarcação de uma ideia subordinante da comunicação a outras áreas. Isso passará por valorizar investigação fundamental, teórica e reflexiva, e não apenas a chamada investigação aplicada, que, muitas vezes, tende a reduzir a comunicação a um instrumento de outras esferas de conhecimento. Passará por investir em produzir pensamento crítico sobre os processos de interação, os meios de comunicação e as linguagens. Embora o apelo da ciência seja hoje muito imperativo em ter-

mos de desenvolvimento de trabalhos empíricos, não podemos - se queremos ser realmente um campo com epistemologia própria - dispensar-nos de densificar os fundamentos teóricos que nos justificam.

E no caso específico da UAc, considerando os seus constrangimentos arquipelágicos e ultraperiféricos, como vê a importância do desenvolvimento desta área?

Como ciências de um objeto que faz comunidade, as ciências da comunicação não devem ter centros e periferias. Por isso, é de toda a importância o desenvolvimento da área tanto em território continental como em território insular. Há especificidades locais que não são alcançáveis por quem está nos núcleos académicos mais centrais. Se queremos realmente conhecer a diversidade de que somos feitos, precisamos de promover condições para ir ao encontro de todos. E isso faz-se, sobretudo nesta área, com um trabalho participante, contextualizado e investido de conhecimento experimental - e não apenas imaginado - das diferentes realidades.

CATARINA RODRIGUES
(DOCENTE DA FCSH)

Agora é moda

Os reality shows

ILUSTRAÇÃO DE ADOLFO FIALHO



Zangas, expulsões, novos títulos e experiências para todos os gostos

O *reality show* é um género televisivo originalmente criado nos EUA, no qual participam cidadãos comuns pré-seleccionados que se sujeitam a conviver uns com os outros e a exibir o quotidiano desta convivência durante um determinado período.

Em português, temos o termo 'telerrealidade' para designar este género televisivo, mas, como a 'telerrealidade' arranha a garganta e tudo é bastante mais meloso e espetacular quando dito em inglês, o 'reality show' ganhou a corrida. Afinal, são duas palavrinhas que elevam a ponta da língua até ao palato e expelem um som semelhante à interjeição de grata surpresa - "Show! Ow!".

Gosto especialmente dos títulos destes "Ows" (chamemos-lhes assim), porque correspondem aos maiores anseios da humanidade. Alguns prometem um mundo de aventuras: *Perdidos, Acorrentados, Atirados para uma Ilha* -

quem resiste? Outros exploram o fascínio do conto de fadas - *Casados à Primeira Vista* - como recusar? Há aqueles que mergulham nas raízes populares e combinam o apelo da ruralidade com as histórias da carochinha - *Quem Quer Casar com o Agricultor?* - que português de barba rija nunca sonhou cantar isto debruçado num parapeito?

Outros apostam na cultura popular urbana e recuam ao tempo dos clássicos do amor televisivo - *Alha do Amor* evoca *O Barco do Amor* que recebia passageiros solitários e os transformava em casais felizes - ai a lagrimazinha, a lagrimazinha! Há também a categoria que conta com a erudição da audiência: *Big Brother*, por exemplo - quem não quer entrar no livro, conhecer o seu conteúdo sem o ter lido, figurar como personagem, ser o Big, o Brother e ter todas as suas namoradas? Quem nunca, quem nunca? Portugal já vai com 22 anos de fi-

delidade à telerrealidade. Ficou provado que o formato era um sucesso quando o Marco, da 1.ª temporada do BB, deu um pontapé numa colega de casa e o telejornal da TVI abriu com a história do pontapé no mesmo dia em que Jorge Sampaio anunciou a sua candidatura ao 2º mandato como Presidente da República. Se dúvidas havia sobre as prioridades de certa comunicação social para o alinhamento noticioso, elas desapareceram naquele dia fatídico em que o mais alto cargo político foi destronado por um pontapé.

Desde então, a maratona de vigilância (60 câmaras) zangas, expulsões, novos títulos e experiências de convívio não tem parado. Aguarda-se o dia em que um dos concorrentes, em direto, se candidate à Presidência da República e dê um pontapé no 'reality show'.

LEONOR SAMPAIO DA SILVA
(DOCENTE DA FSH)

Agora Veja

Inquietude

Foto de Francisco Carreiro

Esta rubrica tem a colaboração da Associação de Fotógrafos Amadores dos Açores (AFAA).



Agora é hora

Congresso Internacional Interdisciplinar da Criança e do Adolescente: 6.ª edição

Nos passados dias 27, 28 e 29 de outubro, 3, 4 e 5 de novembro, decorreu na Universidade dos Açores (em formato híbrido) a 6.ª edição do Congresso Internacional Interdisciplinar da Criança e do Adolescente. O evento foi organizado pelo NICA: Núcleo Interdisciplinar da Criança e do Adolescente, da Universidade dos Açores, e este ano teve como tema "À roda dos problemas". Algumas sessões decorreram online (conferências e comunicações livres) e outras presencialmente (workshops), no edifício da Aula Magna do campus de Ponta Delgada.

O VI CIICA contou com quatro conferências plenárias: no dia 27 de outubro, "Os problemas na Educação", proferida por Silvío Gallo, da Faculdade de Educação da UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas, Brasil; no dia 28 de outubro, "Os problemas na Literatura", por Álvaro Magalhães, reconhecido escritor português; no dia 3 de novembro, "Resolução de problemas na encruzilhada do Jogar e do Aprender" proferida por Ana Cristina Almeida, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra; e, no dia 4 de novembro, "Os não problemas da escrita das crianças na Educação Pré-Escolar", da au-

toria de Margarida Alves Martins, do ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.

Foram também realizadas cerca de 12 comunicações livres, por atuais e antigos estudantes de Mestrado da UAc, assim como por outros profissionais e investigadores da infância e da adolescência, confirmando a importância do encontro para dar a conhecer trabalhos recentes em áreas tão distintas como a psicologia, a filosofia, a matemática ou a educação.

Os workshops foram orientados por diferentes especialistas e destinaram-se a estudantes, professores e educadores, permitindo aos presentes (re) pensar o tema central do encontro a partir de perspetivas tão distintas como: a resolução de problemas em Matemática (Ana Barbosa e Isabel Vale, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo); a noção de criança como problema (Tiago Almeida, da Escola Superior de Educação de Lisboa); a criatividade na resolução de problemas (Ivete Azevedo, da Torrance Center Portugal) e as tecnologias e a resolução de problemas (Maribel Pinto, da Universidade Aberta).

MAGDA COSTA CARVALHO
(DOCENTE DA FCSH)



Organizado pelo NICA, o CIICA conta já com 6 edições.

Ficha Técnica

Adolfo Fialho, Ana Cristina Gil, Catarina Rodrigues, Francisco Carreiro, Leonor Sampaio da Silva, Luis Filipe Ribeiro, Magda Costa Carvalho, Nuno Gonçalves, Paulo Vitorino Fontes e Rita Carmo.